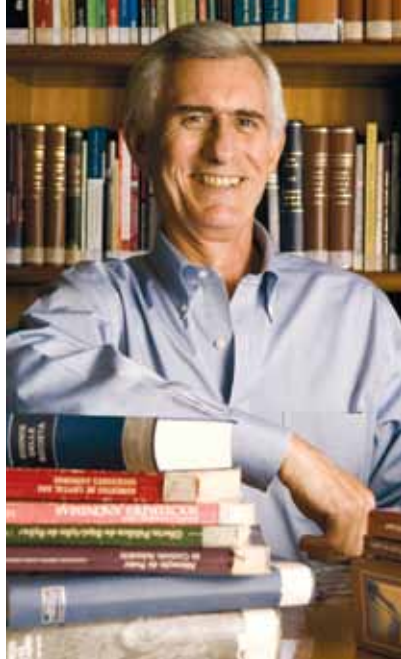




ESCRITORES BRASILEIROS CONTEMPORÂNEOS

O que há de novo, bom e inovador na nova safra de nossa literatura? Reinaldo Moraes e Cristóvão Tezza. Começamos falando sobre o primeiro

Por Nelson Eizirik

Há alguns meses conversava com meu amigo Otávio Yazbek, leitor inteligente e sempre a buscar novos escritores, sobre a dificuldade de encontrar bons romances de brasileiros contemporâneos. Estaria em crise nossa literatura ou não liamos os escritores certos? Ficou ele com a primeira opção e mandou-me farta lista de escritores novos que estivera a ler, com resultados insatisfatórios. Ótimo, poupou-me a sua leitura. Constatei, aliviado, que de sua relação não constavam dois nomes: Reinaldo Moraes e Cristóvão Tezza.

Seu estilo, sua formações e seus interesses são bastante diversos, mas ambos são ótimos novelistas.

Quando comecei a ler *Pornopopeia*, de Reinaldo Moraes (Objetiva, 2009), pensei: já conheço esse nome, de onde será? Minha memória, que tantas peças me prega, em literatura funciona bem. Dirigi-me à estante onde estão os livros de Charles Bukowski e lá estava, foi quem traduziu magnificamente um de meus livros preferidos desse escritor americano, *Mulheres* (Brasiliense, 1984). Já tentei algumas vezes traduzir Bukowski, sempre em vão, não ficava satisfeito com o resultado. Na tradução de *Mulheres* está tudo no lugar certo: o estilo cru e rude de Bukowski, seu sarcasmo, seu desespero frio, suas frases curtas e diretas, nada lhe escapa.

Li e reli o *Porno-popeia* e não tenho nenhuma dúvida de que é um excelente romance, engraçado, épico da sacanagem, recheado de gíria e de personagens tipicamente paulistanos. O narrador e personagem central é “Zeca”, um diretor de cinema maldito (um só filme, premiado no circuito alternativo) que se dedica, nas poucas horas em que trabalha, a filmar vídeos institucionais e filmes pornográficos.

O personagem não é inteiramente alienado, mas também não se engaja em nada, exceto no prazer, sexo e drogas

Machista, misógino, típico brasileiro Macunaíma, Pedro Malasarte, que assim se descreve, lamentando um trabalho encomendado, institucional de embutidos de frango da “Granja Itaquerambu”: “Desembutido de mim, embotado estou. Virei mal o século e pior ainda o milênio. Tô ficando grisalho. Pançudo. Mais bêbado e zoadado que nunca. Cético, cínico, hipócrita a não poder mais”.

O personagem não é inteiramente alienado, mas também não se engaja em nada, exceto no prazer, sexo e drogas.

Sobre o dia de seu nascimento: “Se você quiser saber, nasci em 1964, no dia 31 de março. Quer dizer, vim ao mundo no marco zero da ditadura. Lembro-me muito bem de que em todos os meus aniversários o céu era cruzado a toda hora por jatos militares em formação, que nem no dia 7 de setembro. Alguns desses aviões deixavam um rastro de vapor que eu lia como um ‘parabéns pra você’ em formação militar. Meu irmão me mandava calar a boca e deixar de ser idiota, que aqueles aviões pertenciam ‘à ditadura’. Não sei o quanto consegui deixar de ser idiota, mas continuo adorando ver aviões de guerra em formação no céu, embora não tenha visto mais nenhum em meu aniversário”.

Em memorável passagem, o personagem, a convite de seu amigo Ingo, tocador de cítara, parte para um ritual “bhagadhagadoga”, o primeiro passo em direção à “luz divina” num centro de esoterismos chiques:

“Tô sabendo como vai ser: você tocando cítara, uma comedora de arroz integral dando aula de relaxamento, alongamento, meditação e filosofia védica pruma galera deprimida e semi-analfabeta em flor-de-lótus. O Ingo deu sua risada benévola e ficou sério de repente: Nada a ver, Zequinha. Vai rolar uma autêntica surubrâmane zebuh-bhagadhagadoga. Zebuh com agá no final”.

E rola de tudo no ritual surubrâmane. Depois, num crescendo “épico”,

o personagem vai conhecendo (biblicamente) a ninfeta Sossô, incontáveis prostitutas, a mulher de seu melhor amigo, a estalajadeira Rejane, numa praia do litoral paulista, a caiçara Josilene e tantas outras, incluindo uma “quase” com um travesti.

Nas pausas, vai dedicando suas odes à orgia:

“Sexo, só por amor,
faça frio ou calor
– assim era no início.
Mas era um desperdício.
Se amor fala mais alto
no topo do planalto,
ao descer à planície
ajuda na mesmice.
Bom do sexo é o vício,
sacanagem, meretrício,
orgia, despautério –
deus salve o adultério”

O romance não é pornográfico (embora o título possa sugerir), mas apresenta um humor depravado, divertido, uma trama que cresce, poucas pausas para respirar, com o personagem mergulhando cada vez mais fundo no “bas fond” paulistano e depois litorâneo. Tanto que o final é quase previsível, embora o personagem-narrador talvez ainda possa escapar; para “Zeca”, afinal, tudo é possível.

Se você ficou na dúvida se “encara” o livro – são 475 páginas –, recomendando que leia antes o seu livro de contos, *Umidade: Histórias* (Companhia das Letras, 2005). São histórias muito boas, algumas engraçadíssimas. Comece... pela primeira, “Love is”. Eu rolei de rir. No conto “Privada”, você irá encontrar um tom e um ritmo que lembram o de *Pornopopeia*. Siga o ritmo e enfrente o romance, vale a pena.

E Cristóvão Tezza? Tem pouco ou nada a ver com o até aqui escrito. O espaço finda, ele fica para a próxima... 



Imagens Cortesia: Companhia das Letras

